

CLARICE LISPECTOR: UMA LITERATURA REVELADORA A QUALQUER TEMPO

Mariana Marcelino Silva¹
Michel Duarte da Rocha²

RESUMO: Haia Lispector chega ao Brasil com sua família na década de 1920. Seu pai propôs trocarem seus nomes, nascendo, assim, o nome Clarice Lispector. Escritora que, em 2020, possui comemoração de seu centenário, é demonstrada que a literatura pode gerar um conforto psicológico, provocando mecanismos de defesa bem-sucedidos, que são aquelas ações justificadas em conseguir ajudar diante de algo considerado ameaçador. Dentro do artigo são analisados os contos “O grande passeio” e “Um dia a menos”, da autora, revelando o contexto atual, que permeiam análise humana, necessidade do respeito social, prática de convívio, abordagens psicológicas, solidão, reflexões sobre a vida e a morte. Sua literatura cabe à sociedade como incentivo para uma leitura em momento do isolamento social e análise por esse recurso.

Palavras-chave: Isolamento social. Clarice Lispector. Literatura.

CLARICE LISPECTOR A REVEALING LITERATURE AT ANY TIME

ABSTRACT: Haia Lispector arrives in Brazil with his family from the 1920s, his father proposed to change their names, thus being born the name Clarice Lispector. A writer who celebrates her centenary in 2020, it is demonstrated that literature can generate psychological comfort by provoking successful defense mechanisms, which are those actions justified in being able to help in the face of something being considered threatening. Within the article, the author's two short stories “The big tour and One day less” are analyzed, revealing the current context, which permeate human analysis, the need for social respect, socializing, psychological approaches, loneliness, reflections on life and death. Its literature fits society as an incentive for a reading at a time of social isolation and analysis by this resource.

Keywords: Social isolation. Clarice Lispector. Literature.

INTRODUÇÃO

O que você levaria para uma ilha deserta? Em época de pandemia, esta pergunta “clichê” pode ser reformulada para: O que você levaria para o seu isolamento social?

Com certeza, um livro é uma boa resposta. Se for um literário, será um tanto melhor. Diante da escolha, surgiu Clarice Lispector, por estar completando 100 anos de seu nascimento em pleno 2020.

¹ Mestre em Educação (ITS-Flórida USA-2018), Lato Sensu - Especialização em Línguas Modernas. Licenciatura em Letras Português, Inglês e respectivas literaturas - Faculdade CESB - 2008. Professora do Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste UNIDESC e da Faculdade CESB-GO. E-mail: marianamarcelino.s@gmail.com.

² Pedagogo, Licenciatura em Pedagogia - Faculdade CESB - 2019. Especialização em Docência do Ensino Superior - Faculdade CESB - 2019. E-mail: pedagogomichel@gmail.com.

Este artigo, desenvolvido acerca de abordagens estratégicas da literatura para qualquer tempo, tem como pesquisa bibliográfica a escritora Clarice Lispector, naturalizada brasileira, pois demonstra sempre aspectos de nossa sociedade, apresentando, na sua escrita, contextos sociais, familiares, ações de tomada de consciência, timidez, alegria, euforia, contraste com a simplicidade do cenário do país nos anos 40 a 70, que é lida até hoje e vem sendo ganho de sinais de tematização permanente na literatura e na sociedade para todos os públicos.

São analisados dois contos, “O grande passeio” e “Um dia a menos”, nos quais a autora vem revelando os contextos presentes na atualidade que permeiam a análise humana, a necessidade do respeito social, a prática de convívio, abordagens psicológicas, a solidão, reflexões sobre a vida e morte.

Com objetivo principal dentro de uma investigação literária sobre os contos da autora, está o de despertar o interesse do leitor e fazê-lo prosseguir na leitura de Clarice Lispector.

Os problemas psicológicos aumentam nessa época de pandemia. As emoções humanas são consideradas um fator importante para a saúde. Por isso, é vital não apenas higienizar as mãos, mas é cuidar do emocional, visto que o cotidiano e a rotina estão em crise.

CRONOLOGIA

Haia Lispector (Tchetchelnik, 1920 — Rio de Janeiro, 1977) chegou ao Brasil com sua família da década de 1920, sendo a terceira filha do casal Pinkouss e Mania Lispector. Suas interpretações bibliográficas revelam que a escritora nasceu em 10 de dezembro de 1920, em um período de Guerra Civil Russa, na cidade de Tchetchelnik, na Ucrânia. Possuía origem judaica, e sua família veio a fugir para o Brasil. Durante a viagem para a América, sofreram assaltos e epidemias, e sua mãe adquiriu paralisia progressiva. Seu pai propôs trocarem seus nomes, nascendo, assim, o nome Clarice Lispector. Sua nacionalidade como brasileira só veio na década de 1930. Em 1930, aos 9 anos, matriculada no Collegio Hebreo-Idisch-Brasileiro no terceiro ano primário, iniciou sua composição escrita em pequenos textos e teve aulas de piano junto às suas irmãs. No mesmo ano, em setembro, sua mãe faleceu. Em 1931, “envia, sem sucesso, vários contos para a seção “O ‘Diário’ das Crianças” do *Diário de Pernambuco*, e a razão para os escritos não serem publicados é uma só, conforme afirmará mais tarde: suas histórias não falavam de “fatos”, mas de “sensações””. Foi casada com o diplomata Maury Gurgel Valente. O relacionamento deles se iniciou por escrita de cartas, e tiveram dois filhos. A escritora faleceu em 1977, com câncer nos ovários. (BEZERRA, 2020)

Nos anos 40, já considerada uma plumitativa brasileira, Clarice Lispector possui suas obras eternizadas por ser mulher, e, atualmente, vem inspirando outras pessoas brasileiras e no mundo, devido a autora possuir obras traduzidas em quinze idiomas, que retratavam a realidade em famílias, adolescentes, governo, sociedade e solidão, interessando-se em escrever sobre o cotidiano. Affonso Romano de Sant'anna (1976) a considera uma escritora como “a epifania da escrita”, pois sua compreensão depende de afinidades eletivas, logo, seus textos sugerem grandes leituras. Colaboradora para jornais e revistas, relata experiências simples e rotineiras, mas demonstra força e revelações sobre a grandiosidade dos elementos prosaicos presentes em seus textos, propondo sempre dentro de contos e romances o pensar, mesmo com composição simples (personagens cotidianos, eventos discretos, situações de realização ou incidente da personagem), e finaliza sempre com clímax e desfecho repentino da verdade, centralizando sempre análise e consciência. (SANT’ANNA e COLASANTI, 2013)

Uma musa da literatura brasileira reconhecida nacional e internacionalmente, no ano de 2020, completam-se homenagens ao seu centenário, Clarice Lispector mantém em suas obras um contorno sobre a mente humana com capacidade de interagir com emoções de seus leitores, aguçando muita curiosidade durante 100 anos.

ANÁLISE GERAL DA ESCRITA

As reflexões construtivas em parte das obras de Clarice Lispector seguem uma linha de análise de aspectos psicológicos. Sua singularidade na escrita chama atenção de estudantes que seguem a linha de pesquisa nos estudos de literatura no modernismo (WINNICOTT, 1975), receando sobre o comportamento humano e a escrita reveladora existente nos contos e romances da autora, nos quais muitas vezes parecem revelar uma forma de tentar reescrever ou reconstruir uma trajetória de vida.

A solidão clariceana, a aquisição de ritmo e desfecho de seus escritos distinguem-se por si só. A posição social da mulher na época é sempre o reflexo cotidiano de como realmente existia uma vivência em uma casa, em uma rua, em um jornal, a maneira como a mulher é retratada em suas obras aguça a curiosidade do leitor pelas ações das personagens. Os homens da sociedade possuem insinuações em meio a detalhes de solidão, trabalho, cansaço, e sempre há uma forma de ressurgir lembranças dentro de suas obras a fatos vividos, o que monta uma imagem mais definitiva para a leitura ser desfrutada com maior atenção.

Os aspectos relacionados nos contos da obra “A bela e a fera” de Clarice Lispector, livro póstumo de contos, alguns escritos pouco antes da morte da escritora, seguem uma

tendência a analisar a subjetividade como auxiliar de uma expressividade que intencionalmente se tornam capazes de dar voz aos mais profundos sentimentos humanos.

Desde o seu primeiro livro, Clarice Lispector questiona a capacidade de expressão da linguagem e, ao reconhecer os limites que a palavra impõe ao desejo de conhecimento, autoconhecimento e comunicação com o outro, procura transgredir tais limites. (DIAS, 2013)

A morte é usada de forma recorrente na obra de Clarice Lispector, sendo um dos recursos principais no conto “Um dia a menos”. Algumas reflexões sobre a morte neste conto ajudam o leitor a acolher os sentimentos oriundos do cotidiano normal, como o suicídio e a morte, ambos de difícil assimilação e tão cheios de significado e profundidade.

REFLEXÕES SOBRE O TEMPO ATUAL

Uma classe na produção de seus contos reflete a uma constância para a literatura atual. Há quem goste de Clarice por suas narrativas de personagens para todo tempo, e há quem deteste Clarice, no corte que alguns de seus discursos usam técnicas que confundem o leitor. Mediante ao contexto de suas produções textuais, são analisados dois contos: “O grande passeio” e “Um dia a menos”, como reflexões para o momento de pandemia e comparações sociais existentes, tal período da escrita dos contos, como em momentos atuais vivenciados e protagonizados pelas personagens de ficção da autora.

O conto: O grande passeio

No conto “O grande passeio”, Clarice narra a história da velhice da personagem Margarida, e há uma observação clara sobre o descaso relacionado ao idoso em várias partes do conto. Por meio do discurso indireto livre, há um jogo de pensamentos na escrita da autora que propõe revelar dentro dos recursos técnicos narrados, entrando nos pensamentos das personagens, confundindo o leitor entre voz do autor e voz das personagens. Tal conto possui reflexos sobre a vida do idoso, demonstrando que mesmo que haja demência, a personagem não está alienada e nem perde sua sensibilidade, seus desejos e suas vontades.

No primeiro momento, a protagonista é retratada como sendo uma senhora idosa, feliz, sozinha no mundo. A solidão se faz presente nos pequenos detalhes, nos quais, educadamente, Margarida “Mocinha”, nascida no maranhão, franzina, vivia de esmola e de favores para dormir em vários locais, pois era esquecida pela família. A intérprete é destacada por sua humildade,

ânimo de ser a primeira a acordar, e por um ar de mistério revelado pelas saídas de Mocinha, que sempre informava “ estar passeando”.

Determinado modelo de corpo na cultura brasileira contemporânea é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas, e também das camadas mais pobres, que percebem seu corpo como um importante veículo de ascensão social e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual. (GOLDENBERG, 2011, p. 78)

Por ser destacada como uma senhora livre, porém franzina, analisa-se a fragilidade da senhora dentro do contexto social, assim como boa parte dos idosos. Conforme relatado, bom corpo demonstra capacidade humana, boa alimentação, capital, havendo influência social de que corpo define o ser humano brasileiro (GOLDENBERG, 2011).

Certas pessoas vivenciam muito sua vida em ocupação por anos, e com pouco dinheiro a senhora passeava. Sorria permanentemente, aspectos de educação e que demonstram que o texto possui sua existência intimista, na qual a atmosfera do gênero apresenta intimidade, senso humano, presente dentro de uma sedução verbal que se lê no texto, através do joguete de palavras que Clarice interpõe na narrativa, tornando-a interessante ao retratar aspectos físicos e psicológicos da protagonista.

Em um segundo instante, o conto destaca, através da personagem, o tempo que ela passava na família de Botafogo, e que acham um abuso, devido todos na casa serem muito ocupados. Querem se livrar da anciã, enviando-a para Petrópolis. Reflexos da realidade das décadas de 40 e 50 são presentes e atuantes nos anos 2000 a 2020, em que há demonstração de pessoas sempre ocupadas em trabalhos e eventos sociais. A ausência de carisma das pessoas é algo que contorna a sociedade, não sendo encarada a falta de tempo como algo recente, porém um reflexo de anos que não são organizados como o tempo para a família, o tempo para si e o tempo para pessoas próximas. Agora, bem se demonstra que, com a pandemia, algumas pessoas estão em maior parte do tempo com seus familiares ou próximos, mas será que tal dedicação não se ausenta dentro da própria residência a eletrônicos e digitais?

A ficção chama atenção dentro da revelação de como a senhora, em sua solidão, possui lembranças do passado, revelava saúde e alegria enquanto todos tinham pena de Mocinha, mas reconhecem que sua determinação e coragem são maiores que as deles. Estava passeando de carro para chegar até Petrópolis e há “chacota” e desrespeito relacionados entre mais novo e mais velho, quando o rapaz no carro percebe que Mocinha não se sente bem quando o carro arranca para sair, na fala “Não vai enjoar, vovó”. Há constante distância de respeito pela idade. Mocinha apenas sorri e segue a viagem observando todo cenário. A individualização de

Margarida mostra seu desmoronamento, os aspectos cotidianos revelados pela autora mostram inquietação, reflexão da filosofia do existir, condições de ser um sujeito social ou de estar no mundo e por ser mulher. Há, neste conto, informações reveladas sobre seu recôndito direito, ao passo que a personagem é esquecida socialmente e, também, de certa forma, possui seus direitos encobertos.

No terceiro ápice, a personagem se questiona como foi parar naquele carro. Os personagens do enredo não têm interesse em levar Mocinha até a casa de Petrópolis, para evitar comentários, e deixam ela em um local explicando como chegar à casa e procurar Arnaldo. Mocinha apresenta aspecto frágil e aguarda até Arnaldo chegar, porém, a mulher alemã que observa a senhora não oferece a ela um café para amornar o corpo, e o tempo todo a Alemã e o filho comem em frente a anciã. A vontade da senhora para o café era tamanha, que chega a relatar que seu coração pulsava nos batimentos “café, café, café”, pois sentia frio e estava fraca. A personagem passa por situação de ser menosprezada, sofrer por inexatidão e pela ausência de cortesia. Mocinha, mesmo assim, sorria.

O quarto momento revela à senhora que não há lugar para ela ficar. Arnaldo ficou impaciente e ofereceu dinheiro, informando “casa de Arnaldo não é asilo não”, mesmo assim, Mocinha agradece. Há, nesse átimo do fragmento, um reflexo de consciência burguesa, presente na sociedade atual.

Na rua, Margarida sorria e não sentia saudades dos outros, apenas se lembrava. Continuou andando e resolveu passear por Petrópolis. Voltou a lembrança de quando jovem, observava pessoas. Imita gestos, observando que a única coisa que bebia era água de um chafariz. No desfecho, cansada, a personagem morre sozinha, sentada embaixo de uma árvore, admirando a paisagem.

“as novas velhas”. Muitas mulheres mais velhas conseguem se libertar da ditadura da aparência e se preocupar mais com saúde, qualidade de vida e bem-estar. Elas tiram o foco do olhar dos outros, e passam a priorizar o próprio prazer, desejos e vontades. A grande mudança com o envelhecimento parece ser essa mudança de foco, de deixar de existir para os outros e passar a ser “eu mesma” pela primeira vez na vida. É uma verdadeira libertação. (GOLDENBERG, 2011, p. 83)

A antropóloga Mirian Goldenberg (2020) possui uma coluna dentro do Jornal Folha de São Paulo, em que apresenta dilemas e conduções de suas pesquisas sobre o idoso. Ela afirma que brasileiros têm medo de envelhecer. A demonstração de Clarice em seu conto mostra o tempo todo a fragilidade social, a solidão e a ausência de prazeres determinados pelas protagonistas. Talvez, assim como o comentário de Mírian (2020) dentro de sua entrevista às mulheres idosas, haja uma perspectiva de que a mulher, com o passar dos anos, vem atingindo

uma nova condução de sua velhice, aceitando mais seu envelhecimento e encarando a vida de forma que possa ser aproveitada. Sabe-se que a saúde é um aspecto frágil, mas cuidados com a saúde, qualidade de vida e bem-estar, são culturas presente dentre as alemãs, conforme a abordagem onde cita:

Já na cultura alemã, em que diferentes capitais têm mais valor, a velhice pode ser um momento de realizações e de extrema liberdade.

(...)

Mais confortáveis com o envelhecimento, enfatizam a riqueza dessa fase em termos de realizações profissionais, intelectuais e afetivas. Aos 60 anos elas se sentem no auge da vida, entusiasmadas com projetos profissionais, viagens, programas culturais etc. (GOLDENBERG, 2011, p. 81)

O texto de Clarice retrata uma alemã que vive no Brasil, jovem, e apresenta o aspecto frio sobre as partes que aparece. Retrata, não a mulher madura, mas uma mulher que ainda não atingiu a cultura de vida intelectual apresentada por Goldenberg (2011).

E, dentre as últimas pesquisas éticas tecnológicas pela MIT ano passado, verifica-se que pessoas idosas não são prioridades para salvar na região ocidental do planeta. No ano de 2019, uma empresa de TI, Máquina Moral, desenvolveu uma plataforma na qual colhe dados éticos sobre decisões de seres humanos através de um jogo. Dentre as situações apresentadas ao lúdico, existe a relação que questiona os jogadores para tomar decisões, e, quando verificou-se sobre a relação de idosos, observa-se que sempre estão em uma posição inferior nas pesquisas relativas a salvamento. (AWAD, 2019)

De acordo com Goldenberg (2020), as reflexões são feitas dentro da comparação ao conto, que, quando jovens, há valorização da mulher mais velha, porém, após ela não gerar mais filhos ou não apresentar maior beleza, sendo escondida pelos valores do tempo, a sociedade faz uma certa exclusão e propõe o dilema: salvar a vida de mais jovens e deixar de lado os mais velhos. Mulheres idosas não estão na lista de prioridades em pesquisas para salvar. Conforme a narrativa se desenvolve, há ausência de carinho e atenção dos outros personagens sobre a protagonista, que todo instante se revela sozinha e, talvez, um dos motivos por ela dizer que está passeando é uma forma de seguir e continuar se impactando pelo mundo. Sua demonstração de afeto ao sorrir a todo momento, mostra, ao longo da narrativa, que boas maneiras precisam o mundo. O enredo impacta a busca da existência de consciência moral, ética e social em respeito à velhice. Um dia, todos nós iremos envelhecer, e o processo criativo de Clarice Lispector demonstra que boa educação e postura não se modificam, mas que a sociedade burguesa cresce e não se desenvolve pessoalmente diante dos mais injustiçados e menosprezados. Há um impacto vivido no ano de 2020 dentro da sociedade brasileira que muda um pouco a transgressão social para a situação de olhar diferenciado ao idoso. A pandemia do

COVID-19 possui uma vertigem inicial no mundo, atingindo a população idosa, considerando ela como pessoas de risco. Agora vê, por um lado, o clímax de uma nova historiologia não declarada por Clarice, mas fazendo um contraponto após a leitura do seu texto, ao saber que Margarida morreu sozinha, debaixo de uma árvore, idosa e sem se quer alimentar-se, existe na sociedade brasileira um sentimento de culpa em relação a como eram e são tratados os idosos, visto que um vírus pegou todos de surpresa e as famílias estão considerando, agora, a afetividade e a saúde, fatores primordiais para a longevidade do idoso. Pode ser que nossa sociedade está resgatando valores humanos.

Margarida vive como refém de seu sentimentalismo e exagero. A solidão preenche o texto e sustenta o enredo melodramático que culmina num suicídio absurdo. A morte cura Margarida de sua obsessão.

Além da cuidadosa composição grotesca que caracteriza Margarida e Macabéa mulheres aprisionadas a um universo decadente e Kistch, o que assemelha as duas personagens claricianas é a morte como representação de um começo de vida. Margarida “estréia” para o mundo e, pela primeira vez, reconhece-se como um Eu desejante. (SOUZA, 2008)

Clarice Lispector foi uma mulher supersticiosa e uma entusiasta apreciadora da natureza mística de tudo. Produzia romance urbano. Com certeza, o ano de 2020 é um ano atípico e induz bastantes reflexões sobre esse tema, mas, debruçar-se nos contos de Clarice Lispector no seu centenário, em plena pandemia do COVID-19, trouxe reflexões bem realistas e salutares sobre literatura, subjetividade e vida em sociedade. Sua literatura cabe à sociedade como incentivo para uma leitura em momento do isolamento social e análise por esse recurso.

O conto: Um dia a menos

No livro Normose uma patologia da normalidade (2003), os autores nos fazem entender que o desenvolvimento natural da psique humana é superar suas paixões humanas em busca de um maior equilíbrio entre os seus interesses sociais e subjetivos. Fazer uma busca de amadurecimento da sua personalidade e caráter visando ser mais do que ter. O conto comentado nos mostra o quanto essa busca pode ser difícil diante de uma realidade que não a leva em consideração. É oportuno discorrer sobre a normalidade quando o contexto social que nos envolve, pandemia do COVID-19, apresenta um desequilíbrio social e individual inédito neste século.

No decorrer deste processo, a criança ou o adolescente descobrirá que não é só o corpo de sua mãe, que não é apenas um corpo perecível, não é um corpo

meramente sexual. Descobrirá que, pela palavra, existe algo mais que o corpo. E buscará, novamente, o seu pléroma, a sua identidade. Procurará adequar-se à imagem que os pais têm dela e, nessa tentativa, terá medo de não conseguir corresponder a ela. Nesse momento nascerá que chamamos-de-normose: Não posso ser eu mesmo porque tenho que corresponder à imagem que meus pais têm de mim e aos que eles desejam para mim. (WEIL, LELOUP; CREMA, 2003)

Margarida Flores era uma mulher de trinta anos, gorda, pálida, flácida. Tinha uma beleza óbvia. Psicologicamente, era obsessiva. Seus hábitos eram compulsivos. Financeiramente, tinha uma situação confortável oriunda da pensão de seus pais, pois ela nunca trabalhou. Tinha dificuldade de socialização, por isso, dentre outras consequências, era virgem.

Sempre que distraidamente via o seu nome escrito lembrava-se de seu apelido na escola primária: Margarida Flores de Enterro. Por que alguém não se lembrava de apelidá-la de Margarida Flores de Jardim? É que as coisas simplesmente eram do seu lado. (LISPECTOR, 1999)

Os nomes das personagens sugerem suas características dominantes: Leontina, protetora; Constança, persistente; Augusta, venerável. Maria das Flores tinha apelido quando criança de Margarida Flores de Enterro, mas ela gostava de se chamar Margarida Flores de Jardim. O nome da personagem e o apelido parecem indicar um sintoma de normose que se caracteriza em um acúmulo de hábitos aceitos como normais pelo consenso social que, de fato, são insalubres em gradação ascendente e podem desencadear infelicidade, doença e perda de sentido na vida. Em tempos de escolas fechadas por causa do isolamento social causado pela pandemia do COVID-19, questiona-se muito o impacto da escola na socialização das crianças e seus efeitos a longo prazo na personalidade delas. Roberto Crema discorre sobre esse tema:

Essa é a beleza da biodiversidade. O Grande Arquiteto providenciou que houvesse flores de todas as cores, para que um jardim pudesse exalar a natural harmonia decorrente da unidade na diversidade. Nós recebemos talentos diferentes e, às vezes, quando somos avaliados apenas a partir de um único padrão, temos que jogar a individualidade e a originalidade na lata-de-lixo. Para sobrevivermos, temos que nos vender por notas. Mais tarde, nós nos venderemos por outras notas. Creio que a normose da comparação e padronização escolar encontra-se na própria origem da corrupção que aí está (WEIL; LELOUP; CREMA, 2003)

Maria das flores se apropriou do estilo de vida de seus pais, que mostrava uma preocupação com a moda, revelava também uma qualidade social atrelada à aparência e à cultura do consumismo. Diante de tudo isso, a personagem formou uma concepção de beleza muito superficial que moldou uma visão pessimista sobre sua imagem pessoal. “Depois era o que via quando se via no espelho. Raramente se via ao espelho, como se já se conhecesse muito.

E ela comia muito. Era gorda e sua gordura extremamente pálida e flácida”. (LISPECTOR, 1999)

A questão da normose estética nos remete ao tema que já refletimos anteriormente: O que é o bem, o que é o mal? O que é o belo, o que é o feio? E, novamente, encontramos os inquisidores, presentes também no mundo da moda, que vão nos dizer que isso é bom, isso é mau, isso é bonito, isso é feio. E, de novo, entramos na mesma dependência e na mesma alienação. (WEIL; LELOUP; CREMA, 2003)

No banho, ela se sentiu incapaz de se relacionar: “Ser virgem aos trinta anos, não tinha jeito, não tinha jeito, a menos que eu fosse violentada por um marginal”. (LISPECTOR, 1999). A autora aborda, nesse fragmento, a carência de auto amor de Maria das Flores, ou seja, a desmotivação diante do esforço de conhecer a si mesmo e buscar uma valorização de suas potencialidades, e, com isso, se relacionar e amadurecer sua personalidade. Seu estilo intimista revela, neste conto, a insuficiência dentro da própria personagem, mostrando como a sociedade se define por auto aprovação, para várias situações, inclusive a que está sendo vivenciada, para que o leitor reconheça o que está sendo revelado dentro da real essência da personalidade da personagem.

Onde termina o amor-próprio começa o amor pelo outro. Penso no que dizia o Dalai Lama: "Amar os outros é uma maneira especial de amar a si mesmo." Quando estamos nesse clima de amor e de respeito, estamos em boa saúde. O amor pelo outro e o amor por si mesmo não estão separados. É como uma flor. Ela pode ser um botão e também pode se abrir. (WEIL; LELOUP; CREMA, 2003)

Mais à frente, a madame Constança convida Maria das Flores para ir à casa dela para um jogo de cartas. Apesar de ansiar por uma ligação telefônica, Maria das Flores recusa o convite. É necessária coragem para viver conforme as próprias convicções, ser diferente dos seus pais e familiares e trilhar um caminho próprio, superar o isolamento. Maria das flores parecia não desejar que sua quarentena acabasse. Era uma rejeição do outro, medo de se relacionar neurótico e doentio. O isolamento foi a solução que ela encontrou para sobreviver a um padrão de vida que não considera a individualidade e a diversidade.

A morte deu um vislumbre de vida para Maria das Flores. Como uma epifania, ela entendeu o estado da consciência interior que tanto fugiu enquanto estava viva. Esta fuga de sua subjetividade a fez ter medo de amar, de ser autêntica. Com a morte, ela anseia um isolamento insano, retornar para o interior do útero materno seguro e confortável. “Mas no segundo vidro pensou pela primeira vez na vida: “Eu”. E não era mais um simples ensaio: era na verdade uma estreia. Toda ela enfim estreava.” (LISPECTOR, 1999)

O isolamento ainda é a forma mais recomendada pelos especialistas em saúde de se proteger contra o COVID-19. Porém, o tempo prolongado de confinamento pode fazer com que a pessoa queira se isolar mais, a ponto de apresentar sintomas de desorientação, medo, e ansiedade ao saírem de casa. O medo de contrair o COVID-19 faz com que muitas pessoas adquiram medo do contato social e desejem que o isolamento não acabe até a eliminação total da ameaça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual vê como debilidade expressar os sentimentos. Por isso, muitas vezes usamos termos genéricos e vagos para expressar nosso íntimo. Ao expor corretamente os sentimentos, é provável dirimir conflitos internos e também criar uma relação mais profunda com as pessoas. A literatura claretiana ajuda nessa busca de compreensão das vulnerabilidades humanas e como isso pode ser expressado.

Nos contos escolhidos de Clarice Lispector, “O grande passeio” e “Um dia a menos”, é possível fazer reflexões sobre isolamento, afetividade, saúde, temas em voga por causa das condições criadas pela pandemia do COVID-19.

Acrescenta-se, ainda, o desenvolvimento psicológico de personagens femininos que, apesar de terem o seu gênero evidenciado, possuem os seus sentimentos colocados acima da diferença biológica do gênero e alçados à categoria de sentimentos humanos.

Também questiona a normalidade doentia que promove e fomenta costumes funestos como a exclusão do idoso, o achincalhe do diferente e a superficialidade dos sentimentos e das relações.

A literatura pode gerar um conforto psicológico, provocando mecanismos de defesa bem-sucedidos, que são aquelas ações justificadas em conseguir ajudar diante de algo sendo considerado ameaçador. A cultura escrita revela fatores influenciáveis à vida no cotidiano humano, um transporte para identificar-se com as vozes de seus personagens através de uma projeção perceptível, e o leitor passa a conectar-se com o enredo descrito, sendo em conto, crônica, entrevistas, novelas, romances, literatura infantil ou poesias. A imaginação bem trabalhada e atuada dentro das personagens, a acolhida das visões críticas de seus textos ousa sabedorias decifradas em pessoas e seu mundo.

Por ser uma literatura na qual apresenta, em suas obras, personagens com personalidades no cotidiano em um comportamento limiar, há sempre um reflexo de que as comparações sociais são existentes, podendo considerar seculares. Moreira e Medeiros (2007)

diz que “para todo reflexo existe uma intensidade mínima do estímulo necessária para que a resposta seja eliciada” (p.23). As personagens de Clarice Lispector possuem esses estímulos, exigindo respostas do leitor, concentração na leitura e interpretação do contexto, com análise da realidade.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Elvia. IMS. **Instituto Moreira Salles**, 2020. Disponível em: <<https://claricelispectorims.com.br>>. Acesso em: 26 julho 2020.

DIAS, Hozana. F. O discurso em Clarice Lispector: universalidade e complexidade na construção da emoção. **Revista letrando**, v. 3, p. 27, julho 2013.

GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 90, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. Folha Uol. **Equilíbrio e saúde: Pandemia só evidencia solidão de idosos e sensação de que são um peso**, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/pandemia-so-evidencia-solidao-de-idosos-e-sensacao-de-que-sao-um-peso-diz-mirian-goldenberg.shtml>>. Acesso em: 26 julho 2020.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. **I. A expressividade e subjetividade da literatura 2. Literatura – Estudo e ensino.** – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A bela e a fera**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina: contos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MIT, Massachusetts Institute of Technology. **Moral Machine**, Moral Machine - Human Perspectives on Machine Ethics 2019. Disponível em: <<https://www.moralmachine.net/hl/pt>>. Acesso em: 27 julho 2020.

MOREIRA, Márcio Borges. e MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SALLES, Instituto Moreira. **Cadernos de literatura brasileira: Clarice Lispector**. Especial. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, v. n.17 e 18, 2004.

SANT’ANNA, Afonso. R. D.; COLASANTI, M. **Com Clarice**. São Paulo: UNESP, 2013.

SILVA, Maria da Luz. D; SILVA, Ananias. A. D. A problemática da individuação numa perspectiva narcisista no conto “o grande passeio”, de Clarice Lispector. **Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura**, Belo Horizonte, v. 3, n. UNINCOR, p. 148, 2012.

SILVEIRA, Tasso. **Entrevista: Uma Hora com Tasso Silveira**. Manguinhos, Rio de Janeiro, Revista Vamos Ler! 1940. Edição 0229 (1). Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=183245&pagfis=11136>>. Acesso em: 26 julho 2020.

SOUZA, Wilton. O. **Figurações do grotesco nas narrativas curtas de Clarice Lispector: o fenômeno como disparador do unheimlich das inversões e do (des)equilíbrio.** Universidade de São Paulo - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas - pós-graduação em literatura brasileira. São Paulo, p. 242. 2008.

WEIL, Pierre.; LELOUP, Jean-Yves.; CREMA, Roberto. **Normose, a patologia da normalidade.** Campinas: Verus editora, 2003.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade.** Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanete Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.244.